



Teoria da Literatura I

Autora
Regina Zilberman

2009

Z69 Zilberman, Regina. / Teoria da Literatura I. / Regina Zilberman. — Curitiba : IESDE Brasil S.A. , 2009.
140 p.

ISBN: 978-85-7638-848-7

1. Língua portuguesa – Redação. 2. Literatura épica. 3. Narrativa – Literatura. I. Título.

CDD 808.0469



Ad Maiora Semper!

Todos os direitos reservados.

IESDE Brasil S.A.

Al. Dr. Carlos de Carvalho, 1.482 • Batel

80730-200 • Curitiba • PR

www.iesde.com.br

Sumário

Apresentação | 5

Conceito, história e tendências contemporâneas | 7

Conceito de Teoria da Literatura | 7

Objetivos da Teoria da Literatura | 8

História da Teoria da Literatura | 9

Antecedentes da Teoria da Literatura | 10

Principais linhas e expoentes da Teoria da Literatura | 11

Fundamentos e fronteiras da Teoria da Literatura | 17

Objeto da Teoria da Literatura | 17

O literário e o não-literário | 17

O literário no passado e no presente | 20

Imaginação e verossimilhança | 21

A poética clássica: Platão e Aristóteles | 25

Um pouco de história | 25

Antes de Platão | 26

Platão e a *mímesis* | 28

Aristóteles: poética, *mímesis* e espécies de poesia | 30

Formalismo e Estruturalismo | 35

Adeus à História da Literatura | 35

O Formalismo Russo | 37

O Estruturalismo Tcheco | 41

A obra literária enquanto estrutura | 47

Coordenadas históricas | 47

A estrutura da obra literária | 48

Descrição e interpretação de um texto literário | 52

Discurso literário e intertextualidade | 57

Funções da linguagem | 57

Literaridade | 60

Intertextualidade | 61

Mimesis e diegese: os modos de narrar | 67

A diegese desde os antigos até os modernos | 67

O narrador em crise | 69

Tipologias do narrador | 70

A estrutura da narrativa | 79

A narrativa entre o discurso e a história | 79

Da morfologia do conto à estrutura da narrativa | 80

A lógica da narrativa | 84

Literatura e sociedade | 89

A literatura para além do texto | 89

Literatura e sociedade | 90

Sociologia da literatura | 93

A literatura, o escritor e a modernidade | 99

O escritor e a sociedade | 99

O autor como produtor | 101

O artista moderno | 102

Perda da aura e indústria cultural | 104

A literatura, o público e o leitor | 109

A catarse | 109

O estranhamento | 110

A emancipação | 112

Os desafios da Teoria da Literatura | 119

Teoria da Literatura, ensino superior e modernidade | 119

A batalha do cânone | 121

A guerra dos sexos | 123

O preço da liberdade intelectual | 125

Apresentação

A Teoria da Literatura constitui um dos fundamentos dos currículos de Letras, ao lado da Lingüística e do conhecimento da língua materna. Ela se organiza a partir do reconhecimento de que um patrimônio da humanidade – a literatura, enquanto conjunto das expressões verbais que, por escrito ou oralmente, contém um pendor artístico – requer estudo, análise e posicionamento crítico.

Nos dias de hoje, a maioria da população, no Brasil e no mundo, está alfabetizada e conta com um letramento literário básico, transmitido pela escola ou pelos meios de comunicação de massa, e adquirido por meio da experiência e do amadurecimento existencial. Esse patamar faculta às pessoas a inserção do universo da literatura, mas não as torna especialistas, nem detentoras de um saber que as habilita ao exercício de uma atividade profissional. A tais funções pode levar a Teoria da Literatura, enquanto parte do corpo de disciplinas fundamentais do curso de Letras. Por essa razão, o componente teórico incluído em seu título supõe uma aplicabilidade que se manifesta, quando se transita da aprendizagem dos conceitos ao entendimento das obras literárias.

Os capítulos que se seguem procuram alcançar esse objetivo. Tomando como ponto de partida a explicitação da natureza da Teoria da Literatura e o estabelecimento de seu campo de atuação, três caminhos são percorridos ao longo deste livro:

- :: o primeiro toma a história como guia, examinando, desde a poética clássica até as tendências mais atuais, os rumos adotados pela Teoria da Literatura, vias essas decorrentes das relações dos pensadores, críticos e artistas com os processos econômicos, sociais, políticos e culturais experimentados em épocas distintas;
- :: o segundo enfatiza as tendências que privilegiam o estudo da obra literária enquanto objeto autônomo, apto a requerer uma ciência específica como a Teoria da Literatura – examinam-se, nesse caso, as concepções de estrutura da obra literária, a função poética e as concepções referentes às formas narrativas;



- ∴ o terceiro retoma as relações entre a obra literária e o mundo extraliterário para verificar em que medida a primeira responde às exigências do segundo sem perder de vista sua identidade, independência e autoconsciência dos processos artísticos.

Espera-se, com isso, garantir a exeqüibilidade, o vigor e a atualidade dos estudos dedicados à literatura, resumidos na ciência que toma seu nome a partir de seu objeto – Teoria da Literatura.



Conceito, história e tendências contemporâneas

Regina Zilberman*

Conceito de Teoria da Literatura

A Teoria da Literatura é a ciência à qual compete estudar as manifestações literárias. Considerar a Teoria da Literatura uma ciência significa afirmar que corresponde a uma área de conhecimento que requer peritos (técnicos) detentores de competências especializadas para exercê-la. Se todo o leitor se posiciona perante obras literárias que leu, comentando-as e formulando juízos subjetivos, o teórico da literatura examina o mesmo material de modo objetivo, procurando descrever suas características mais constantes e as tendências vigentes para definir as marcas dominantes, apresentar propostas de interpretação e estabelecer padrões de qualificação. A Teoria da Literatura pode ser integrada às Ciências, porque classifica e ordena o material com que trabalha; e pertence, em especial, às Ciências Humanas porque interpreta e avalia o conjunto de obras que são o foco de sua investigação.

Seu objeto é, pois, a Literatura, tal como ela se corporifica em diferentes manifestações, todas de natureza verbal. O termo *Literatura* provém de *littera*, "letra", em latim, o que assinala sua relação com a escrita. Contudo, as manifestações verbais, às quais se relaciona a Literatura, não se apresentam necessariamente por escrito, determinando a necessidade de se responder a uma primeira pergunta: o que pertence à literatura? Ou, em outra formulação, o que são as manifestações literárias estudadas pela Teoria da Literatura?

Da resposta a essa pergunta nasce a primeira tarefa da Teoria da Literatura, pois lhe compete definir seu próprio objeto, o que a particulariza enquanto ciência. Outras disciplinas, como a Geografia, entre as Ciências Humanas, ou a Física, entre as Ciências Exatas, não precisam explicar qual é sua matéria de estudo, ainda que as duas lidem com o espaço. Não é esse, porém, o caso da Teoria da Literatura, que

* Doutora em Romanística pela Universidade de Heidelberg, Alemanha. Pós-doutorado na Brown University, Estados Unidos. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras.

necessita, permanentemente, esclarecer qual é a natureza do produto sobre o qual dirige sua atenção. Por outro lado, estaremos praticando esta ciência a cada vez que buscarmos conceituar o que entendemos por Literatura, *manifestação literária, fenômeno literário, obra literária, texto literário* – expressões, todas essas, que dão conta do campo sobre o qual se estendem suas considerações de ordem classificatória, crítica e interpretativa.

Ao escolher a Literatura como seu objeto, a Teoria da Literatura faz uma opção: elege como foco de observação textos que se transmitem por intermédio da escrita. Contudo, os primeiros produtos literários do Ocidente, como a *Ilíada* e a *Odisséia*, poemas épicos atribuídos a Homero e que circularam na Grécia desde o século VIII a. C., foram difundidos oralmente, declamados em ocasiões festivas por profissionais chamados de *rapsodos* ou *aedos*. O mesmo ocorreu na Idade Média, quando foram elaboradas epopeias como a *Canção de Rolando* ou o *Poema do Cid*, cujos autores são desconhecidos. Esses poemas passavam de boca em boca entre menestrelis e admiradores dos heróis daqueles versos. Nos nossos dias, a cultura popular é rica em poemas conhecidos apenas por aqueles que decoram seus versos e estrofes, mas isso não significa que não pertençam à Literatura. Portanto, o termo *Literatura* pode ser um tanto inexato para definir seu material, tendo de ser utilizado com ressalvas para não excluir as ricas manifestações poéticas de exclusiva circulação oral.

A especificação do objeto da Teoria da Literatura tem, portanto, de se posicionar perante as questões relativas à escrita e à oralidade, assim como perante a leitura e a audição de textos e poemas.

Se a Literatura não foi sempre igual, pode-se facilmente concluir que os modos de pensá-la foram igualmente muito diversificados. Com efeito, ela não foi estudada sempre da mesma maneira. Os gregos, que foram os primeiros a se preocupar com o assunto, voltaram-se para os efeitos retóricos encontráveis nas obras de seus principais autores, estabelecendo uma série de regras que eram passadas aos estudantes, a quem cabia copiá-las e aplicá-las em seus próprios escritos. Modernamente, queremos entender as marcas das obras do passado e do presente para verificar em que consiste a qualidade delas, em que elas se diferenciam, porque foram preservadas ao longo do tempo. Compete à Teoria da Literatura fazer esse trabalho, atividade que é ao mesmo tempo técnica – quando examinamos uma obra para verificar suas principais características – e interpretativa, porque desejamos descobrir o que ela quer dizer.

O modo como se pode executar esse trabalho é entendido segundo perspectivas bastante diversificadas em decorrência dos fundamentos filosóficos e metodológicos assumidos pelos distintos teóricos da literatura. Se entre a Antiguidade e a Modernidade mudaram as expectativas diante da Literatura, na atualidade variaram notavelmente as concepções adotadas perante a obra literária, suas relações com o autor, a sociedade, o público e o leitor, relações que, em uma certa óptica, teriam de ser ignoradas, enquanto outras precisariam ser valorizadas em primeiro lugar. Por causa disso, a Teoria da Literatura é hoje uma disciplina plural, flexível e polêmica, qualidades que precisam ser levadas em conta quando ela é estudada sem preconceitos.

Objetivos da Teoria da Literatura

A denominação Teoria da Literatura passou a ser utilizada apenas no século XIX; desde então, foi designada igualmente Ciência da Literatura. As duas denominações, ambas válidas, apontam para

o objetivo dessa disciplina: estudar a literatura para verificar o que a particulariza enquanto manifestação da linguagem e representação do mundo. Assim colocado, o objetivo não é difícil de alcançar, mas supõe algumas tarefas:

- :: é preciso identificar o que pertence e o que não pertence à literatura, que somente será considerada um objeto específico caso se diferencie do que não é literatura, ainda que empregue a linguagem verbal ou apresente situações ficcionais;
- :: a seguir, cabe examinar as características dos produtos identificados como literários – algumas dessas características podem ser comuns a todos, mas outras são bastante distintas, com o que se estabelecem as diferenças entre os gêneros literários, agrupando-os a partir dos elementos semelhantes que compartilham entre si;
- :: é importante esclarecer o que se considera a qualidade dos produtos classificados como *literários*, afinal, a literatura é uma manifestação artística e para que algo seja considerado *arte* é preciso que tenha um valor – alguns valores podem ser encontráveis em todas as obras literárias e outros são específicos dos gêneros literários, competindo à Teoria da Literatura definir quais são eles nas duas circunstâncias;
- :: as obras literárias, valendo-se da linguagem verbal, incorporam uma de suas propriedades – a comunicação –, sendo mister, pois, buscar o que as obras comunicam a seu leitor, interpretando o que dizem e verificando como procedem à transmissão de idéias.

História da Teoria da Literatura

Os primeiros estudos que utilizaram a expressão Teoria da Literatura datam do século XIX e apareceram na Alemanha. Os alemães empregaram igualmente a expressão Ciência da Literatura para garantir o estatuto científico, e não artístico, de seu trabalho. A Literatura é uma manifestação artística que supõe uma experiência sensível por parte do leitor, envolvendo seu gosto e suas emoções, mas é estudada por uma ciência, que supõe uma atitude reflexiva por parte do pesquisador.

No século XIX, a Teoria da Literatura voltou-se sobretudo para questões de ordem histórica, sendo investigadas as obras do passado de um país, para que fosse escrita a História da Literatura daquela nação. As primeiras Histórias da Literatura nasceram entre o final do século XVIII e o início do século XIX, na Inglaterra e na Alemanha principalmente. Ao lado da História da Literatura, desenvolveu-se igualmente a Literatura Comparada, sobretudo na França da segunda metade do século XIX, vocacionada para o estabelecimento das semelhanças e diferenças entre as produções literárias de diferentes nações. Se a História da Literatura separava as obras conforme a nacionalidade dos autores, a Literatura Comparada procurava aproximá-las examinando as ascendências de uns escritores sobre outros para tecer uma rede de interlocução entre eles.

Também de ordem histórica foi quando os pesquisadores voltaram-se ao estudo da linguagem literária, outra preocupação típica do século XIX. A Filologia, preocupada com a história das línguas, a origem das palavras e a crítica textual, esteve a serviço da Teoria da Literatura, ajudando a determinar e fixar as obras dos autores do passado, aqueles que vieram a constituir o paradigma da escrita literária, a que todos deveriam acolher e louvar.

Foi no século XX que a Teoria da Literatura voltou-se para as obras da atualidade. Para que isso acontecesse, foi decisivo um importante movimento: a revolução modernista, que ocorre na Europa e, a seguir, estende-se ao continente americano. Os modernistas buscaram romper com a tradição e criar arte a partir do novo, daquilo que nunca tinha sido feito, independentemente de o público apreciar ou não. Mesmo que o leitor rejeitasse o experimentalismo e a vanguarda que os modernistas advogavam, esses escritores fizeram com que todos voltassem os olhos para a atualidade e prestassem a atenção no que estava acontecendo.

A Teoria da Literatura não poderia agir de outra maneira. Assim, por mais distintas que fossem as teses dos teóricos da literatura, eles precisaram abranger o presente e repensar seus conceitos, critérios e posicionamentos. A Teoria da Literatura repartiu-se em várias tendências, algumas afinadas com o Modernismo, outras mais conservadoras – todas, porém, atentas ao que se escrevia, publicava-se e lia-se.

Antecedentes da Teoria da Literatura

Quando a Teoria da Literatura passou pelas transformações a que fora impulsionada em decorrência da revolução modernista, ela já estava bem instalada enquanto disciplina na universidade.

Os mesmos alemães que consideraram a Teoria da Literatura uma ciência dedicada aos estudos literários, transformaram-na em disciplina acadêmica. Também a História da Literatura e a Literatura Comparada, que se integraram à Teoria da Literatura, e a Filologia, que a auxiliou bastante, passaram a compor o currículo dos estudos superiores em Letras no decorrer do século XIX. Antes, porém, não era assim.

A trajetória da Teoria da Literatura inicia-se entre os gregos dos séculos V e IV a. C., que se preocuparam com as possibilidades oferecidas pela expressão lingüística. Sabedores de que o domínio da técnica de falar podia render bons frutos profissionais, eles valorizaram a eloqüência e procuraram estabelecer as regras da melhor maneira de convencer o público ouvinte. A Oratória nasceu entre os atenienses do século V a.C., apresentando-se como uma técnica que podia ser ensinada. Os primeiros professores de Oratória foram os sofistas, destacando-se Górgias, que, para mostrar a eficiência dos discursos, faz a apologia de Helena, a causadora da guerra de Tróia, que tantas mortes provocou entre os heróis gregos. Mesmo sabendo da aversão que seus conterrâneos teriam àquela mulher, Górgias não teve dúvida em elogiá-la, convencendo seu auditório.

A atitude de Górgias, refletindo a posição dos sofistas, provocou polêmica e, sobretudo, alguma rejeição. Um de seus adversários foi o filósofo Platão, que procurou demonstrar como a linguagem podia ser enganadora se mal empregada. Para provar sua teoria, porém, ele teve de se dedicar à análise de poemas e de discursos, matéria de alguns de seus textos mais famosos, como *A República* e *Fedro*. Escrevendo sob a forma de diálogos, Platão procurou demonstrar que a poesia, mesmo a de autores de grande prestígio entre os gregos, como Homero, era mentirosa, porque atribuía qualidades humanas aos deuses – quando deveria respeitar os seres divinos e imortais.

Para desenvolver sua argumentação, Platão reconhece que a poesia imita ações humanas, mesmo quando praticada por pessoas divinas, utilizando, para tanto, a palavra *mímese*, que, a partir daí, é incorporada à Teoria da Literatura para dar conta da propriedade das obras literárias, capazes de reproduzir e representar o mundo circundante e o comportamento das pessoas.

O posicionamento de Platão foi tão polêmico quanto o de Górgias, provocando a resposta de outro filósofo, Aristóteles, que procurou amenizar a discussão. Assim, Aristóteles propôs que não se pensassem todos os discursos da mesma maneira: de um lado, era preciso refletir sobre a poesia, tema da Poética, que discutiria as características das obras em que predominaria a mimese, ou seja, a representação das ações humanas de modo coerente e verossímil; de outro, cabia organizar a Retórica, encarregada de dar conta das técnicas de Oratória a ser empregada pelo indivíduo em um discurso, quando quisesse ganhar uma causa em um tribunal, convencer uma audiência a votar nele por ocasião das assembléias populares ou elogiar uma pessoa notável em eventos comemorativos.

A divisão proposta por Aristóteles manteve-se no tempo, estabelecendo uma distinção entre a expressão artística, colocada em poemas e narrativas, e os discursos, de caráter utilitário na maioria dos casos. A Poética encarregou-se do primeiro grupo de obras e a Retórica, do segundo; mas, nas duas circunstâncias, tanto Aristóteles, quanto seus seguidores, na maioria professores de jovens pertencentes às camadas sociais superiores, propuseram preceitos a serem seguidos, configurando o caráter técnico e normativo das duas disciplinas.

Quando, no começo do século XIX, o Romantismo decretou que a criação artística independia de regras, as técnicas poéticas e retóricas foram abolidas. Mas, a essas alturas, já se pensava que a literatura precisava ser objeto de uma ciência que não fosse reguladora, como a Poética, nem pragmática, como a Retórica. Aparece, assim, a Teoria da Literatura, afinando-se aos propósitos do Romantismo e encontrando sua morada no Ensino Superior.

Principais linhas e expoentes da Teoria da Literatura

A expansão da Teoria da Literatura, enquanto ciência encarregada de definir o que pertence à arte literária e avaliar seus produtos, deu-se sobretudo no século XX, quando se difundiu o Ensino Superior. Instituição elitizada até o começo do século XIX, a universidade passou por considerável reforma a partir do projeto de Wilhelm Humboldt, na Alemanha, adotando como preocupação principal a formação do ser humano, que, na academia, receberia instruções para o exercício de sua profissão e orientação para a produção de conhecimento científico. Com essas características, a universidade difundiu-se nos países europeus, na América do Norte e na América do Sul. No Brasil, os primeiros institutos de Ensino Superior apareceram no século XIX, mas foi depois de 1930 e, em especial, após 1950, que se espalhou por todo o país.

Graças a esse processo, a Teoria da Literatura consolidou-se enquanto ciência, proporcionando os fundamentos para o estudo da obra literária. Mas não foi entendida da mesma maneira por seus usuários, motivo porque se originaram, já na primeira metade do século XX, diferentes linhas.

- :: Uma tendência optou por um foco formalista, valorizando a construção da obra literária e descrevendo as características de cada gênero. O Formalismo associa-se fortemente ao grupo de pesquisadores que atuou nas primeiras décadas do século XX na Rússia, entre Moscou e São Petersburgo, destacando-se entre eles Roman Jakobson, Vitor Chklovski e Iuri Tinianov; na década de 1930 contou-se entre seus sucessores o Estruturalismo Tcheco, associado, de uma parte, à Estética, como se constata na obra de Jan Mukarovsky, e de outro lado, à Lingüística, ciência igualmente em expansão no período.

A preocupação com a estrutura aparece igualmente nos estudos fenomenológicos levados a cabo pelo polonês Roman Ingarden. Suas idéias migraram para os Estados Unidos, pois um de seus seguidores, René Wellek, mudou-se para aquele país à época da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Em língua inglesa, as preocupações formalistas estavam em voga, tomando o nome de New Criticism, contando-se, entre seus expoentes, I. A. Richards na Inglaterra e Cleanth Brooks nos Estados Unidos.

- :: Na contramão dos Formalismos situa-se a Sociologia da Literatura, nascida no século XIX, sob a influência das teses deterministas de Hippolyte Taine, segundo o qual o indivíduo era o resultado da confluência de três fatores determinantes – o meio, a raça e o momento histórico. No começo do século XX, suas idéias foram rejeitadas, mas delas permaneceu a noção de que a situação social de um indivíduo interfere em sua visão de mundo, que reflete sua condição e ideologia. Essa concepção transportou-se para os estudos literários, em que se verificam os aspectos da sociedade representados em uma obra de ficção, um poema ou uma peça de teatro. Entre os principais expoentes dessa linha de investigação contam-se Georg Lukács e Lucien Goldman, que entendem o romance enquanto produto acabado da sociedade burguesa e do capitalismo.

Até meados dos anos 1960, os estudos literários dividiam-se entre essas duas grandes tendências, ao lado da qual se instalavam investigações que se valiam de conclusões importadas da Psicanálise, da Antropologia ou da Lingüística. No primeiro destes casos, verificavam-se os elementos do texto que traduziam o inconsciente do artista, como o próprio Sigmund Freud fizera ao se deter sobre as obras do pintor Leonardo da Vinci ou do romancista Fiódor Dostoievski. No segundo, os textos eram observados à luz da mitologia, como procede o canadense Northrop Frye, ou sob a perspectiva simbólica, como propõe o francês Gilbert Durant. No terceiro, os pesquisadores procuravam identificar os processos lingüísticos presentes na escrita de uma obra, reconhecendo as particularidades de um autor e associando-se à Estilística, de que são representantes Charles Bally e Leo Spitzer, na primeira metade do século XX, e Michel Riffaterre, nos anos 1960.

A partir da década de 1960, novas preocupações teóricas se evidenciaram, como resultado de, pelo menos, duas frentes de trabalho intelectual.

A primeira delas, que se desenvolve especialmente na França e na Alemanha, adotou perspectiva formalista, resultante, de um lado, da tradução dos textos básicos dos formalistas russos e dos estruturalistas tchecos, até então pouco conhecidos naqueles países; de outro, da aproximação com a Lingüística. Com efeito, a expansão da Lingüística no Ensino Superior chamou a atenção de vários estudiosos da literatura, que desejaram transferir a metodologia daquela ciência para o âmbito do conhecimento da obra literária. Tanto o Formalismo Russo e seu sucessor, o Estruturalismo Tcheco, quanto a Lingüística advogavam que os textos literários deveriam ser examinados de modo mais preciso e objetivo, evitando a interferência dos juízos e concepções do estudioso. O resultado dessa proposta metodológica determinou a ascensão do Estruturalismo, com desdobramentos na Semiologia e na Narratologia, representada por pesquisadores como A. J. Greimas, Claude Bremond e Tzvetan Todorov.

Na mesma época, outro autor russo, Mikhail Bakhtin, contemporâneo dos formalistas, foi divulgado na Europa Ocidental. Suas obras questionavam as bases teóricas de seus conterrâneos, indicando que, ao contrário do que eles diziam, a língua não correspondia a um sistema desgastado, banal e desprovido de elementos sociais. Bakhtin chamou a atenção, assim, para o caráter dinâmico, mutável e dialógico da linguagem, o pluralismo das expressões e a mistura de códigos diversos, destacando duas propriedades intrínsecas da comunicação lingüística – a *polifonia*, isto é, a presença de falas diversas no interior de uma expressão aparentemente uniforme; e o *hibridismo*, que dá conta da convivência de elementos de pro-

veniência distinta no interior da cultura, uma espécie de mestiçagem lingüística de que nenhum código pode se livrar.

Após a divulgação das idéias de Bakhtin, mostrou-se impossível praticar uma Teoria da Literatura objetiva e exata, já que o objeto com que o pesquisador deveria lidar – a obra literária – aparecia-lhe de antemão assinalado por elementos díspares e, às vezes, até contraditórios, resultantes do hibridismo e da polifonia. Essas idéias fertilizaram não apenas o Estruturalismo, mas igualmente as demais correntes que se debruçam sobre textos literários e que se desdobram a partir dos anos 1970.

A segunda frente de trabalho intelectual se associa à recuperação de um autor que ficara esquecido entre os anos 1940 e 1960 – Walter Benjamin. Esse pensador nascido na Alemanha no final do século XIX possuía formação filosófica, mas seus principais estudos voltaram-se a obras literárias, procurando refletir sobre as transformações provocadas pela Modernidade. Suas preocupações aproximam-no da História e da Sociologia, razão porque seus ensaios repercutiram sobretudo no âmbito da Sociologia da Literatura e nas investigações sobre as relações da literatura com a cultura de massa.

A difusão de suas idéias deveu-se sobretudo a Theodor W. Adorno, que, com Benjamin e Max Horkheimer, formaram a chamada Escola de Frankfurt. Embora não compartilhassem as mesmas idéias, Benjamin e Adorno refletiram sobre as expressões literárias e culturais da vanguarda do século XX, interessando-se por explicar o lugar marginal ocupado desde então pelo artista na sociedade, bem como sobre as relações entre a arte e a cultura de massa.

A partir dos anos 1960, e sobretudo depois dos anos 1970, a Teoria da Literatura abriu-se em orientações diversas, resultantes do impacto das idéias fertilizadas na primeira metade do século XX, representadas pelos movimentos e autores mencionados (Mikhail Bakhtin, Walter Benjamin, Theodor W. Adorno). Esses autores produziram profundas mudanças de paradigma, fazendo com que a literatura se abrisse a questões mais amplas, de ordem histórica, ideológica e política, e interagisse de maneira mais explícita com outras modalidades de expressão, verbais e não-verbais. Na primeira metade do século XX, mesmo correntes de orientação sociológica preocupavam-se exclusivamente com o texto literário. Essa perspectiva foi descartada pelas vertentes atuais da Teoria da Literatura, relacionadas a seguir.

Pós-Estruturalismo

Na esteira das preocupações filosóficas de Michel Foucault, Jacques Derrida e Jacques Lacan, o Pós-Estruturalismo, representado por Roland Barthes, Julia Kristeva e Gerard Genette, busca identificar nos diferentes tipos de texto, nem todos estritamente literários, as instâncias de ruptura e questionamento do saber dominante e estabelecido.

Estética da Recepção

Seu principal representante, Hans Robert Jauss, tem como objetivo recuperar a vitalidade da História da Literatura, que considera estagnada nos paradigmas do século XIX. Para tanto, chama a atenção para a importância do leitor, responsável pela permanente atualização das obras literárias e, portanto, por sua historicidade. Outro importante representante dessa tendência teórica é Wolfgang Iser, igualmente voltado para a compreensão dos atos de leitura, fundamentais, segundo o autor, para o vigor e eficácia de uma obra.

Desconstrutivismo

Migrando para a América do Norte, o Pós-Estruturalismo toma essa designação, que dá conta da preocupação em desmontar os mecanismos de persuasão de uma obra literária, evidenciando a engrenagem de seu funcionamento e ação sobre os escritores e o público. Seus principais representantes formaram a Escola de Yale, apontando a vinculação de alguns de seus membros – Harold Bloom, Paul de Man, Geoffrey Hartman e J. Hillis Miller – àquela prestigiada universidade dos Estados Unidos.

Crítica de Gênero

Os anos 1970 voltaram sua atenção especificamente para a produção literária das mulheres, buscando reconhecer a identidade feminina presente (ou ausente) em suas criações, o que determinou a difusão da crítica feminista. Atualmente, essa vertente não se limita à escrita das mulheres, de que decorreu a mudança de sua denominação, passando a ser conhecida como Crítica de Gênero, voltada ao exame de questões relacionadas à orientação sexual representada em dada obra ou relacionada ao escritor ou escritora que o produziu. São representantes dignas de nota as seguintes pesquisadoras, a maioria delas atuantes em universidades norte-americanas: Elaine Showalter, Gayatri Spivak e Camille Paglia.

Estudos Pós-Coloniais

O pós-guerra e a progressiva descolonização da África e da Ásia assistiram à ascensão de nações emergentes, que buscaram afirmar suas marcas identitárias e étnicas. A produção literária desses novos contingentes políticos provocou a Teoria da Literatura e a História da Literatura a buscarem critérios adequados ao exame desse material até então desconhecido ou então insuficientemente analisado. Temas como identidade nacional, emancipação e trocas culturais – que, sob outro enfoque, alimentaram a História da Literatura no século XIX – foram revisados, para dar conta da situação, obrigando igualmente à retomada das obras clássicas em que essas questões estavam presentes.

Os Estudos Pós-Coloniais, porém, não se resumem à produção literária das nações emergentes. Em países de presença maciça de contingentes de imigrantes, na Europa ou na América, responsáveis por uma produção literária própria, reconheceu-se a necessidade de examiná-las na sua especificidade, evitando dissolvê-la no indeterminado conjunto nacional. Assim, os Estudos Pós-Coloniais encontram seus representantes entre estudiosos europeus e norte-americanos, que se debruçam não apenas sobre questões que dizem respeito às antigas colônias, mas igualmente aos grupos etnicamente minoritários em seus próprios países. São exemplos dessa tendência os trabalhos de Edward Said, Homi K. Bhabha e Walter Dignolo.

Estudos Culturais

Partem do reconhecimento de que a produção literária convive com outras formas de expressão de que faz parte. Por isso, a Teoria da Literatura rompe com as fronteiras estabelecidas quando de seu aparecimento e passa a abrigar pesquisas sobre cultura de massa (cinema, televisão, quadrinhos), cultura popular de áreas predominantemente rurais (cordel, causos) ou urbana (grafite, *funk*, *rap*, *hip hop*). Stuart Hall, Fredric Jameson e Néstor Garcia Canclini são destacados adeptos dessa linha de pesquisa.

Se, na primeira metade do século XX, o texto literário parecia ser a única preocupação da Teoria da Literatura, nas últimas décadas daquele século e na primeira do atual milênio o foco coloca-se nas relações entre a literatura e o mundo que a cerca, incluindo novos figurantes no processo: o leitor, as mulheres, a identidade nacional, por exemplo. Contudo, as vertentes contemporâneas da Teoria da Literatura não comprometem os objetivos dessa ciência, já que o ângulo de visão tem a obra literária como ponto de partida, mesmo quando inserida o mais amplamente possível em um contexto cultural diversificado. Essas vertentes também não perdem de vista as tarefas básicas daquela disciplina e, ao mesmo tempo, oferecem ao estudioso que se interessa por seu objeto – a literatura – uma gama variada de opções, enriquecendo a atividade que ele exerce.

Texto complementar

Literatura e estudo da literatura

(WELLEK; WARREN, 1962)

Devemos começar por estabelecer uma distinção entre literatura e estudo da literatura. Trata-se de duas atividades distintas: uma é criadora, um arte; a outra, embora não precisamente uma ciência, é no entanto uma modalidade do conhecer ou do aprender. Tem-se verificado, evidentemente, tentativas para obliterar esta distinção. Já se alegou, por exemplo, que uma pessoa não conseguirá compreender a literatura senão escrevendo-a; que não poderíamos nem deveríamos estudar Pope sem primeiramente tentarmos compor dísticos heróicos, nem um drama isabelino sem antes termos escrito um drama em verso rimado. Todavia, por muito útil que a experiência adquirida na criação literária seja para o estudioso, a tarefa deste é completamente diferente. Deve é transpor para termos intelectuais a sua experiência da literatura, assimilá-la num esquema coerente, o qual, para constituir conhecimento, tem de ser racional. Pode ser verdade que a matéria do seu estudo seja irracional ou, pelo menos, contenha elementos fortemente não racionais; mas o estudioso não ficará por isso em posição diferente da do historiador da pintura, ou do musicólogo, ou mesmo do sociólogo ou do anatomista.

¹ A expressão vem sendo usada desde os anos 1990, com bastante intensidade, sobretudo entre os que se alinham com os Estudos Pós-Coloniais.

Estudos literários

1. Como René Wellek e Austin Warren diferenciam *literatura* e *estudo da literatura*?

2. O que diferencia as duas principais vertentes da Teoria da Literatura, vigentes na primeira metade do século XX?

3. Qual a principal diferença entre as vertentes da Teoria da Literatura dominantes na primeira metade do século XX e as tendências que apareceram na segunda metade desse século?

Gabarito

Conceito, história e tendências contemporâneas

1. A literatura é arte e criação; a Teoria da Literatura é uma modalidade de conhecimento. A literatura suscita uma experiência; a Teoria da Literatura traduz essa experiência em termos intelectuais (racionalis), assimilando a literatura a esquemas coerentes.
2. A primeira tendência assumiu foco formalista e descritivo; a segunda tem caráter sociológico, buscando verificar em que medida a literatura reflete a sociedade.
3. Na primeira metade do século XX, o texto literário era a única preocupação da Teoria da Literatura. A partir de 1960, o foco desloca-se para as relações entre a literatura e as questões de ordem histórica, ideológica e política, incluindo novos figurantes, como a mulher ou o leitor, no processo de estudo da obra literária.